

Horst Opaschowski: Pedagogia da vida com tempo livre e a (des)politização do lazer

Horst Opaschowski: Pedagogy of life with free time and the (de)politicization of leisure

Horst Opaschowski: Pedagogía de la vida con tiempo libre y la (des)politicización del ocio

Recebido: 08/04/2022 | Revisado: 14/04/2022 | Aceito: 02/05/2022 | Publicado: 03/05/2022

Francisco Renato Silva Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>
Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte, Brasil
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil
E-mail: norf20@hotmail.com

Miguel Melo Ifadireó

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4497-4718>
Universidade de Pernambuco, Brasil
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil
E-mail: Miguel.ifadireo@upe.br

Vanessa de Carvalho Nilo Bitu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0688-1403>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: vanessanilobitu@gmail.com

Lais Karla da Silva Barreto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5267-5355>
Universidade Potiguar, Brasil
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil
E-mail: laisbarreto@gmail.com

Luciano de Oliveira Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5971-4927>
Instituto Dom José de Educação e Cultura, Brasil
Governo do Estado de Pernambuco, Brasil
E-mail: togajudo@yahoo.com.br

Marlene Menezes de Souza Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1546-3257>
Universidade Regional do Cariri, Brasil
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil
E-mail: marlenesouza@leaosampaio.edu.br

Alyne Andrelyna Lima Rocha Calou

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8696-047X>
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil
E-mail: alynerocha@leaosampaio.edu.br

Christiano Siebra Felício Calou

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7627-7477>
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil
E-mail: christianosiebra@leaosampaio.edu.br

Tiago Silveira Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7202-3234>
Universidade de Pernambuco, Brasil
E-mail: tiago.machado@upe.br

Resumo

Um dos maiores problemas da sociedade contemporânea globalizada é a necessidade de positivar o tempo privado e pessoal com foco na saúde mental e física, ressignificando para além da teoria, os termos tempo livre, ócio, lazer e recreação. Diante desse contexto, o presente artigo busca preencher lacunas existentes sobre os estudos da pedagogia do tempo livre alemã, ao mesmo tempo suscitando o debate dessa temática no contexto da educação no Brasil. Esse ensaio consiste em uma revisão sistemática de literatura de cunho histórico-descritivo, fundamentada em trabalhos de Horst Opaschowski e complementada por teóricos contemporâneos como: Gerhard Schulze, Reinhold Popp, Wolfgang Nahrstedt, Heinz-Hermann Krüger e Winfried Marotzki, Theo Dietrich e Michael Weegen. Ao final, discute-se o perigo da despolitização da vida com tempo livre na sociedade atual.

Palavras-chave: Tempo livre; Ócio; Lazer; Recreação; Despolitização da vida.

Abstract

One of the biggest problems of contemporary globalized society is the need to make private and personal time positive with a focus on mental and physical health, resignifying beyond the theory, the terms free time, leisure,

leisure and recreation. In view of this context, this article seeks to fill existing gaps in the studies of German leisure time pedagogy, at the same time raising the debate on this topic in the context of education in Brazil. This essay consists of a systematic review of historical-descriptive literature, based on works by Horst Opaschowski and complemented by contemporary theorists such as: Gerhard Schulze, Reinhold Popp, Wolfgang Nahrstedt, Heinz-Hermann Krüger and Winfried Marotzki, Theo Dietrich and Michael Weegen. In the end, the danger of depoliticizing life with free time in today's society is discussed.

Keywords: Free time; Idleness; Recreation; Recreation; Depoliticization of life.

Resumen

Uno de los mayores problemas de la sociedad globalizada contemporánea es la necesidad de hacer positivo el tiempo privado y personal, centrándose en la salud mental y física, resignificando, más allá de la teoría, los términos tiempo libre, ocio, esparcimiento y recreación. Dado este contexto, este artículo busca llenar los vacíos existentes en los estudios de la pedagogía alemana del tiempo libre, al mismo tiempo que plantea el debate sobre este tema en el contexto de la educación en Brasil. Este ensayo consiste en una revisión sistemática de la literatura histórico-descriptiva, basada en obras de Horst Opaschowski y complementada con teóricos contemporáneos como: Gerhard Schulze, Reinhold Popp, Wolfgang Nahrstedt, Heinz-Hermann Krüger y Winfried Marotzki, Theo Dietrich y Michael Weegen. Al final, se discute el peligro de la despolitización de la vida con el tiempo libre en la sociedad actual.

Palabras clave: Tiempo libre; Ociosidad; Ocio; Recreación; Despolitización de la vida.

1. Introdução

A produção e circulação do conhecimento da história da educação nos últimos anos tem acompanhado os avanços tecnológicos da informação. Diversos são os periódicos e livros que tratam sobre a história da educação e das ideias pedagógicas. A respeito destaca Peter Burke que o conhecimento está diretamente relacionado com a história, tendo em vista que ela deve ser percebida como algo “imutável é agora encardido como uma ‘construção cultural’, sujeitas a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (Burke, 1992, p. 11). Por conseguinte, ressalta-se que o fenômeno educacional como mutável ao longo do tempo e do espaço, devendo as análises em caráter interdisciplinar analisar e refletir a educação e seus atravessamentos sociais.

Desde a tradição sociológica inserida por Emile Durkheim (2016), em Educação e Sociologia, quando o autor nos lembra que a educação serve como meio de socialização de crianças e jovens para a vida em sociedade, compreende-se que a educação está correlacionada aos aspectos macrosociais, inclusive no que tange as formas de governo. Logo, as instituições educacionais desenvolvem práticas pedagógicas de escolarização e educação (Libanê, 2012), que envolvem desde a organização em conteúdos curriculares, até as aprendizagens do cotidiano que envolvem a vida com tempo livre, foco desta investigação.

Em termos de organização, a presente comunicação se inicia com a apresentação da conjuntura político pedagógica durante o período do III Reich, uma vez que, é neste período que Horst Opaschowski inicia suas análises históricas sobre a vida com tempo livre até desaguar na contemporânea sociedade. Logo após, discutimos os (com)textos de produção das ideias da vida com tempo livre, que atravessaram o entre guerras, com a Escola de Frankfurt, e o pós segunda guerra, que invade os processos de abertura e expansão do capitalismo, e o tempo livre que submerge o lazer como algo político.

Horst Opaschowiski (1995) recomenda que a pedagogia da vida com tempo livre deve ser pensada como uma disciplina científica importante para a sociedade contemporânea, cujo conhecimento vem se adaptando as transformações, metas e riscos do mercado e de suas economias de competitividade globalizadas. Assim, o autor nos leva a perceber que o aumento da necessidade de se incrementar estratégias e mecanismos úteis para a promoção da saúde física e mental dos trabalhadores no hodierno cenário político.

Questiona-se, a este respeito, se o aumento da importância da pedagogia do tempo livre não acontecesse por acaso, mas correspondesse a uma necessidade social urgente de se compreender esta disciplina, não mais como processos de

recreação (brincadeira, diversão e sociabilidade) entre os pares? E por conseguinte, indaga-se sobre a existência de uma necessária conexão pedagógica com foco na “vida com tempo livre” que tornasse estimulante, agradável e produtiva a vida dos colaboradores do corpo profissional das empresas, instituições e organizações?

A aquisição de conhecimento, a melhoria do desempenho profissional, o aumento de metas e objetivos profissionais – empresariais, comerciais e individuais – acontecerá de forma muito mais ativa, se ocorrer a promoção e valorização da saúde mental e física dos trabalhadores. Dessa forma, haveria uma educação voltada para a estruturação do tempo livre, melhorando as relações pessoais e coletivas, patrocinando bem-estar familiar e prazer no desempenho das atividades laborais cotidianas.

Por fim, abordamos os modos de como o tempo livre é visto na contemporaneidade, com ênfase nos processos de (des)politização do mesmo. Como observado, em investigações prévias realizadas por Horst Opaschowski destacam-se, uma vez que sua teoria envolve as mudanças nas estruturas do trabalho e da vida com tempo livre na sociedade contemporânea. Desse modo, como as especulações de Horst Opaschowski contribuem para se pensar a pedagogia da vida com tempo livre atravessada pela saúde ocupacional e seus processos de (des)politização?

De tal modo, o presente artigo pretende apresentar e discutir os aportes teóricos de Horst Opaschowski sobre pedagogia da vida com tempo livre atravessada pela saúde ocupacional e como está envolve processos de (des)politização, no âmbito social e individual. O estudo metodologicamente tem como base uma pesquisa de revisão sistemática de literatura, seguindo as orientações de Jean Hohendorff (2014).

2. Metodologia

Esta pesquisa fez uso do método bibliográfico como instrumento de análise. Quanto à abordagem, se caracterizou por fazer uso de procedimentos metodológicos predominantemente qualitativos, oriundos da interpretação de ideias, categorias, signos e discursos, buscando entender os problemas apresentados pelos assuntos abordados e procurando adequar soluções para essas problemáticas (Creswell, 2010). Já em relação ao procedimento metodológico se foi feita adesão ao procedimento histórico-descritivo, uma vez que este permitiu que se fosse posto em dúvida a categoria universal, predominantemente ocidental, acerca da educação para o tempo livre e para o lazer.

Finalmente, como método de procedimento, optou-se pelo descritivo comparativo, que segundo Vergara, “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno” (2000, p. 69), podendo ou não conceber correlação entre as diversas variáveis, a fim de definir sua natureza. Enfim, a adesão à esses procedimentos permitiu que se tornasse possível a ressignificação da pedagogia da vida com tempo livre com as contemporâneas discussões acerca da (des)politização do lazer.

O estudo em tela surge dos itinerários de pesquisa e formação dos pesquisadores/as, em especial a partir do desenvolvimento da investigação: *Imigrantes de língua alemã no Rio Grande do Sul. Integração, idioma e identidade cultural no campo de tensão entre a política e a educação escolar* (Melo, 2005), que teve como base mais ampla a literatura em língua alemã, uma vez que a investigação foi desenvolvida junto à Universidade de Hamburgo na Alemanha.

Buscando assim, auxiliar na circulação das ideias pedagógicas desenvolvidas em língua alemã no Brasil, as obras que deram base a investigação mencionada, que tratavam da pedagogia intercultural, da pedagogia inclusiva (adaptada ou especial) e da pedagogia do tempo livre (do lazer e/ ou da recreação) - Krieck, (1992); Klatt, (1999); Pöggeler, (2003); Giesecke, (2018; 2016; 2007; 2003); Opaschowski, (2017; 2016; 2008; 2006; 2000; 1995), os quais foram estudadas nos encontros do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Educação Inclusiva e Violência no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

Desse modo, compõe as fontes bibliográficas desse estudo os escritos de Horst Opaschowski (2017; 2016; 2008; 2006; 2000; 1995), juntamente com outras referências teóricas sobre a pedagogia da vida com tempo livre, incluindo artigos

científicos publicados e disponibilizados nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, juntamente com os repositórios institucionais das universidades de língua alemã. Portanto, os escritos apresentados nesse estudo, são resultados das leituras e debates ocorridos nos últimos anos tanto no Laboratório, como nas disciplinas de ciências sociais em nível de graduação e pós-graduação desenvolvidas pelos pesquisadores/as em instituições de ensino superior nos Estados do Ceará e Pernambuco.

3. Transformação Histórica da Conjuntura Político-Pedagógica em Tempos do Terceiro Reich

Horst Opaschowiski (2016) ao avaliar a construção histórica da Educação e a subsequente relação entre as práticas pedagógicas educacionais com a cultura no campo do lazer nas primeiras três décadas do século XX na Alemanha, ressalta que estas sofreram uma considerável influência do pensamento nacional socialista do III Reich não apenas na ciência da educação, bem como nas suas práticas pedagógicas de ensino. Destaca o autor que estas transformações foram responsáveis por constantes transformações na implementação de conteúdos nas matrizes curriculares e extracurriculares, gerando um campo de tensão entre a formação cultural e a vida com tempo livre de discentes, de docentes e de técnicos envolvidos no processo educacional.

Horst Opaschowiski (2008) corrobora com Wolfgang Nahrstedt (2002) ao promover especulações sobre o desenvolvimento da Ciência da Educação e das Disciplinas Pedagógicas que tanto se sobressaíram, quanto foram refutadas por Fritz Klatt (1999) durante o tempo do Nacional Socialismo do III Reich. Assim, Nahrstedt (2002), ao discorrer sobre o “tempo livre”, apresenta a sua proposta de uma pedagogia do lazer e para o lazer, a qual deveria ser “contemplada como uma subdisciplina da educação social” (Nahrstedt, 2002, p. 43). Muito embora, em sua opinião, a teorização do lazer devesse deixar de ser tratada - nas matrizes curriculares dos cursos de Pedagogia de universidades alemães, austríacas e suíças – como disciplina pedagógica isolada e optativa, passando ao status de disciplina independente, autônoma e obrigatória, mesmo que ainda inexistisse uma unificação teórica.

Fato a ser destacado é que ao se analisar os conceitos de “educação para o tempo livre” propagados pelos seus maiores expoentes - tais como Hermann Giesecke (2018), Franz Pöggeler (2003), Horst Opaschowiski (2006), Reinhold Popp (2005) entre outros – destacam-se na essência que estes autores compactuam da mesma ideia teórica, o que se diferencia é apenas a adoção terminológica - aplicável à educação sobre o tempo livre, o lazer e a recreação - “Deste Autor” em relação à não repetição do termo adorado por “Aquele Outro” (Schulze, 2020).

Do ponto de vista de Hermann Giesecke (2016), a importância do reconhecimento da disciplina Pedagogia da Recreação fomentaria o desenvolvimento e aprimoramento de investigações pedagógicas para além do cotidiano laboral, visando assim, a promoção da saúde pelo descanso mental dos trabalhadores, objetivando a inclusão social e o equilíbrio entre as necessidades de entretenimento pela recreação e o regozijo das atividades laborais cotidianas. Corroborando com Giesecke (2007), vamos encontrar em Gerhard Schulze (2020) a perspectiva sobre a necessidade de melhoria nas relações individuais e coletivas com o tempo, ao acrescentar:

[...] Experimente sua vida! É o imperativo categórico do nosso tempo [...]. Equipados com reservas crescentes de poder de compra e ausência de tempo, os consumidores estão caminhando para as últimas reservas de exclusividade. (Schulze, 2020, p. 139).

Na visão do pedagogo, estas ações pedagógicas auxiliariam na diminuição dos possíveis acidentes no trabalho, muito frequentes nas últimas décadas do século XX, tanto nas fábricas, quanto nas indústrias alemães em virtude das longas horas de trabalho, ausência de legislações trabalhistas e/ou previdenciárias e receio de desemprego. É válido ressaltar que a educação recreativa auxiliaria na recuperação laboral, muito importante para os trabalhadores alemães, os quais precisariam aprender a lidar e organizar o tempo livre, visto que o princípio norteador da pedagogia recreativa seria a reestruturação do tempo para a

família, bem como para as diversas relações sociais e o lazer, o ócio e a recreação poderiam fomentar. Fatores estes que permitiriam uma considerável melhoria nas aptidões das interações laborais (Schwanitz, 2012; Giesecke, 2016).

A este respeito, Hermann Giesecke (2003), Wolfgang Nahrstedt (2002) e Horst Opaschowiski (2008) asseveram que teria sido Fritz Klatt (1999), em seu livro sobre as atividades de recreação com jovens trabalhadores nas fábricas alemães, quem teria feito, pela primeira vez, uso do termo com foco na necessidade do lazer enquanto forma complementar à Educação Social. Assim, tal estratégia visaria a melhoria na funcionalidade e desempenho dos jovens trabalhadores. Outro importante ponto da proliferação das ideias advindas da pedagogia da recreação de Fritz Klatt, era o desenvolvimento de estratégias que proporcionassem felicidade e melhoria das condições de vida e, principalmente, no desenvolvimento da produção da indústria alemã. Por conseguinte, salienta o autor, os trabalhadores não deveriam ser contemplados apenas como meros objetos da práxis laboral, mas como sujeitos detentores de individualidades, peculiaridades e necessidades (Klatt, 1999).

Corroborando com esta afirmativa histórica, Joan Campbell (2014) ressalta que a pioneira discussão teve resultados nas políticas públicas tanto nos Estados de língua alemã que compunham os países do Eixo e, respectivamente, passaram a ser adotadas pelos distintos órgãos públicos e autoridades que compunham o Terceiro Reich. Dentro desta linha de pensamento, espriaram-se, segundo Campbell, abordagens teóricas nas mais distintas ciências do conhecimento nos países do Terceiro Reich com vistas, por um lado, à educação social e corpóreo-mental com o incremento de aprimoramentos educativos através do lazer pela pedagogia da recreação com as crianças, adolescentes e jovens alemãs; e por outro lado, ressignificando a importância do trabalho que foi impactado pela industrialização bélica e de consumo pelo Estado do Nacional Socialismo durante o período temporal das duas grandes guerras mundiais.

Destaca-se, neste cenário político-ideológico, que as argumentações sobre a educação recreativa começaram a ganhar visibilidade no período entre as duas grandes guerras mundiais, as quais o “espírito da época” (Zeitgeist) na Alemanha estava atrelado a concepções raciológicas fundamentadas em um pensamento ideológico de defesa da proliferação do discurso de superioridade racial. Assim, espriaram-se abordagens médico-eugenistas com foco na saúde do corpo-mental dos movimentos de liderança da juventude alemã do Reich – tais como: os “Jovens Homens Populares Alemães” (Deutschen Jungvolk/ DJ), a “Liga das Jovens Mulheres Populares Alemãs” (Bund Deutscher Mädel/ BdM) e a “Liga das Adolescentes Populares Alemãs” (Jungmädelsbund/ JmB) – enquanto proposta a ser efetivada pela política educacional da Associação Nacional Socialista de Professores em Bayreuth (Nationalsozialistischen Lehrerbundes Bayreuth/ NSLB) do Terceiro Reich. A este respeito, destaca Peter Dudek:

A consolidação dos novos fatores de poder na educação, a Liderança Juvenil do Reich e o NSLB, foi característica da segunda fase da política educacional do Nacional Socialismo. Essa fase também inclui a reorganização dos currículos nos níveis e tipos de escolas, a padronização do sistema de ensino superior com a redução das sete formas existentes para quatro, a atualização do sistema de educação de situação como uma nova forma de disciplina social e ideológica, bem como a reorganização da formação de professores nas “universidades para formação de professores”. Até 08.02.1937, eles receberam treinamento em nível universitário, com base no modelo das Academias Pedagógicas. As universidades foram fechadas em 1941 e substituídas por “institutos de formação de professores. (Dudek, 1999, p. 104).

Conforme destaca Joan Campbell (2014), em corroboração com Peter Dudek (1999), em sua análise histórica, torna-se importante ressaltar que a política pública tanto de segurança, quanto as de educação e saúde (médico-sanitárias) caminhavam lado-a-lado, visando restabelecer normas de procedimento e reintegração do prazer através do lazer ao povo alemão, visto que para Renate Fricke-Finkelburg:

Estruturalmente, a política educacional do “Terceiro Reich” foi moldada por uma série de novas instituições e novas tentativas de formação, que visavam capturar e controlar todos os jovens e todas as áreas de suas vidas. Relacionam-se a mudanças na organização e nos currículos escolares, no treinamento da aprendizagem e em geral na política da juventude com a introdução da Organização Estadual da Juventude em 1º de dezembro de 1936. É nesse ponto que ocorre o desencontro entre o conceito irrestrito de educação com o pensamento educacional clássico pelo primado da educação com foco na formação política. (Fricke-Finkelburg, 1989, p. 132).

Fato destacado, também, por Hans Peter Bleuels (2002), na obra “Reino limpo: teoria e prática da vida moral no terceiro reinado”, ao apontar a importância dada à educação recreativa pelas instituições e órgãos públicos do nacional socialismo, principalmente, nas estratégias de encantamento e de adesão da juventude ao Terceiro Reinado. Dentro deste contexto, destaca-se que a questão do lazer nos movimentos sociais populares dos trabalhadores alemães tornava-se o objeto e a meta a ser difundido. Pois, seria através do lazer que “as necessárias mudanças no corpo social (coletividade), quanto no corpo intelectual (individualidade) do povo alemão seriam alcançadas” (Bleuels, 2002, p. 103).

Desta forma, asseveram Claus Mühlfeld e Friedrich Schönweiss (1989) que diferentemente das experiências e estudos de pesquisadores ingleses e/ ou americanos, o empenho, por um lado, de arquitetos e de engenheiros para o aprimoramento no ambiente laboral (*Lebensraum*) - através das atividades recreativas - das fábricas; e por outro lado, a marcante colaboração dos pedagogos para o aprimoramento de recursos teóricos e didáticos da pedagogia da recreação que seria responsável pela investida na autodisciplina, autoconfiança e melhoria das habilidades do trabalhador enquanto sujeito, e não mais objeto da produção (Mühlfeld; Schönweiss, 1989).

Por fim, acentua Horst Opaschowski (2017), em finais do século XX, “não se poderia retroagir a tendência da ordem econômica globalizada, a qual leva cada vez mais um considerável número de atores sociais a adaptarem suas rotinas à doutrina do tempo” (Opaschowski, 2017, p. 41). Doutrina esta que molda as estruturas funcionais e estruturais famílias, das organizações, das comunidades globais e das sociedades de risco e líquidas, visto que estas passaram a modificar o tempo e a vida, moldando tanto o tempo das jornadas de trabalho e metas a serem alcançadas para além do trabalho e do cada vez mais diminuído tempo livre para o usufruto do ócio, do lazer e da recreação.

Segundo o pedagogo alemão, é necessário reaprender e ressignificar o cotidiano coletivo e individual de todos em interação com o tempo, preparando-os assim, para as novas projeções e demandas que o mercado de trabalho, a sociedade e a política de trabalho determinarão no século vindouro. Some-se a isto, a contribuição que a reflexão da pedagogia do tempo livre poderá proporcionar tanto na esfera pública, quanto na privada, muito embora, esta não poderá ser desvencilhada, tampouco enfraquecida pelo discurso e políticas de educação nacional (Opaschowski, 2016)

4. O Desaguar da Proposta da Vida com Tempo Livre e Crítica à Imposição da Moralidade Burguesa no Trabalho

A produção do conceito de vida com tempo livre foi atravessada por diversas abordagens teóricas, e entre estas, destacam-se as críticas ao pensamento da moralidade burguesa produzida entre meados e finais do século XIX. A este respeito, referenda Horst Opaschowski (2006) ao propor em sua obra “Pedagogia da Vida com Tempo Livre”, a necessidade da ressignificação sobre a importância das atividades de lazer na vida dos trabalhadores alemães que teve início com a revolução de março de 1848, e se espalhou nas distintas searas e disciplinas do conhecimento humano, desde a virada do século XIX, passando pelos contextos das duas grandes guerras mundiais, até desaguar nos dias atuais.

Horst Opaschowski (2017) destaca que a Revolução de Março teria sido instigada pela majoração da pobreza generalizada, crescimento incontrolável da fome desenfreada, marcantes episódios de opressão feudal e evidências constantes de injustiças sociais em todos os Estados alemães que levaram, por um lado, os movimentos populares a demandarem tanto a

unificação da Alemanha, quanto a promulgação de uma Constituição Democrática que garantisse liberdade de imprensa, liberdade de associação/ reunião e fim dos privilégios feudais; por outro lado, estes movimentos legitimaram, ao mesmo tempo o fortalecimento da burguesia em relação a nobreza feudal e, respectivamente, espalhou o desejo do movimento dos trabalhadores e operários das fábricas alemãs na luta por garantias trabalhistas e direitos sociais, tais como a legitimação do tempo livre para o lazer e o exercício da liberdade, da autonomia e da cidadania (Opaschowski, 2008).

Neste contexto, Horst Opaschowski (2006) avulta, ainda, que esta interação simbólica entre a vida com tempo livre e a cidadania não é um novo problema que emergiu nas ciências sociais e humanas, pelo contrário, ela vem acompanhando o espírito da época (Zeitgeist) de grandes pensadores da humanidade, os quais já destinaram importantes análises entre o trabalho, os direitos civis, o lazer e a vida com tempo livre na sociedade em tempos de pós-modernidade. Dentro desta linha de pensamento acrescenta o autor que:

[...] A carruagem do progresso chegou, parou e saiu, trouxe efeitos, positivos e negativos, gerando assim, profundas modificações nas relações de trabalho e na adesão aos modelos de desempenho e metas de produção já existentes. A insatisfação pela realização prevaleceu. [...] e será que aprendemos a lidar com o lazer através do desfrute de uma vida com tempo livre nesta realidade? A ideologia da sociedade do lazer entra em atrito com a concepção da sociedade dos cidadãos livres, ou seja, como iremos perceber a importância do tempo livre no redimensionamento de nossas vidas? (Opaschowski, 2006, p. 31).

Corroborando com a argumentação acima encontra-se em Walter Tokarski e Reinhard Schmitz-Scherzer (1995) a constatação analítica de que as sociedades contemporâneas neoliberais e progressistas não estão dedicadas, em suas funcionalidades mercadológicas monetárias, para a promoção do bem-estar social de seus membros, mas sim, a produção de riquezas e de lucro advindas das relações de consumo. Por conseguinte, ao avaliarem os efeitos das históricas disputas entre as ideologias promovidas pelo Capitalismo Norte-Americano e pelo Socialismo Soviético - que se estenderam do período pós-segunda grande guerra (construção de dois blocos político-econômicos) até a virada para o século XXI – e que findou com a vitória do primeiro sobre o segundo, os pedagogos constataam que ocorreram profundas transformações nas relações de trabalho.

À tona da discussão avultam-se os antagônicos contextos ideológicos que legitimavam diferentemente os processos de promoção da cidadania, dos direitos civis, da liberdade, da igualdade e outras assincronias nas estruturas do lazer na vida social do trabalhador como um todo. Neste contexto político-socio-histórico, destacam os autores que as distintas ciências da humanidade, a partir de diferentes perspectivas passaram desde então a analisar os abalos que estas transformações trouxeram, trazem e trarão na vida dos indivíduos em sociedade. (Tokarski; Schmitz-Scherzer, 1995).

Karl Marx e Friedrich Engels (1999) promoveram sólidas críticas não apenas a sociedade alemã – em meados do século XIX -, mas a toda a conjuntura político-econômica (entre o absolutismo feudal e a emergente ordem social burguesa e seus meios de produção) que assolava os Estados europeus. Uma das fortes demandas oriundas do manifesto comunista fundamenta-se na alienação dos seres humanos e dos produtos por eles mesmos produzidos.

O cenário da industrialização é valorizado, bem como a intervenção dos ideais do liberalismo econômico que passa a minimizar cada vez mais a intervenção estatal contra a proliferação da exploração econômica, a coisificação do homem, a alienação da existência humana pela nova e ultrajante exploração do capital e para o capital das forças de produção, ou seja, da classe trabalhadora. Por fim, asseveram Marx e Engels (1999) que, por um lado, seria possível ratificar que o tempo médio de vida do operário diminuiria com a industrialização adicional das máquinas e que, por outro lado, a proporção de trabalho profissional aumentaria ao longo de toda a vida do operário.

Georg Weerth (1995), amigo próximo de Friedrich Engels e simpatizante de Karl Marx, vivenciou de perto a revolução alemã de março de 1848. Apontado por Engels como o primeiro e mais importante poeta do proletariado alemão, Werth se aprofunda nas ideias socialistas e comunistas repudiadas pelos círculos de poetas de Bonn. Assim, concomitante com

a publicação do Manifesto Comunista de Marx e Engels, passa a se dedicar a produção de subversivas críticas, através de poesias, à proliferação do capitalismo e à exploração de trabalhadores pelos distintos processos de industrialização dos Estados-alemães.

Sua visão nada convencional ao espírito da época - elites aristocráticas e da emergente burguesia alemã – vai de encontro ao predominante estilo absolutista e burguês do círculo de poetas “Maikäferbund” de Bonn, fato este que leva, por um lado, a sua inserção nos círculos intelectuais de Colônia; e por outro lado, a se aproximar de Engels e de Marx. Por conseguinte, destaca-se que o intercâmbio com Friedrich Engels, principalmente, contribuiu para que o poeta passasse a se dedicar com maior afinco à promoção de incessantes reflexões sobre a vida do trabalhador nas fábricas.

Como descrito por Weerth (1995) que boa parte destes poemas a dura realidade (marginalidade e pobreza) do tratamento desumano e degradante que vivenciavam no cotidiano. Atitudes como estas findaram levando os trabalhadores a processos de exaustão no trabalho e de alienação na crença da possibilidade de melhoria nas condições de vida, saindo assim, da miséria social que se encontravam:

Você homem de bata azul, trabalhe! Pegue sal e pão! Trabalhe! O trabalho é um meio de provar sua resistência e necessidade. Trabalhe! Mexa os braços! Trabalhe assim por dezesseis horas! Trabalhe! A risada quente à noite e à cama de palha podre. Trabalhe! Você tem tendões apertados. Trabalhe! Pense com um corpo grávido. Espere na cabana com lágrimas. Uma linda mulher branca. Trabalhe! Como a testa do gado. A sua é larga e grossa? Trabalhe, ou veja seus filhos nus quando eles te beijarem, você voltará ao trabalho! Trabalhe até suas veias baterem! Trabalhe até a costela rachar! Trabalhe até os templos escorrerem, pois, você é feito para trabalhar! (Weerth, 1995, S. 166).

Por fim, avulta-se a partir da tentativa da crítica poética de Weerth, o olhar atento a realidade de total abandono aos momentos de lazer e de ócio para uma saudável vida com tempo livre no cotidiano do proletariado alemão. Dentro desta análise, sugere a socio poética do autor a sua sensibilização com as indignas relações de trabalho e com a insalubridade ocupacional de uma vida ausente de tempo livre no cotidiano da classe trabalhadora.

Paul Lafargue (2016), no segundo parágrafo do prefácio de “o direito de não fazer nada e a recusa do “direito à trabalhar” de 1848”, contata que a luta entre a burguesia e a nobreza - na sociedade alemã e europeia de sua época – ensejou em desdobramentos políticos, ideológico-religiosos e econômicos, fomentando assim, o espraiamento de bandeiras de luta em prol de sociedade livre e de um estado secularizado. Muito embora, assim que a burguesia alcança seu objetivo, abandona o discurso de liberdade e de cientificidade, muda a retórica e suas atitudes políticas para a modernização econômica e para lógica perversa e egoísta de uma nova moralidade, a saber a moralidade burguesa do capital e do trabalho para o aumento da riqueza nacional.

Dentro desta linha de raciocínio, ressalta Lafargue (2016), em sua crítica à moralidade da sociedade capitalista, que o dogma do trabalho é a causa da deterioração da saúde mental e física do cansado e escravizado proletário da moderna sociedade europeia, e especificamente, alemã no século XIX. Em adição a isto, acentua que as práticas laborais cotidianas evidenciam total desprezo e descaso à saúde ocupacional de seus trabalhadores, acelerando assim, a degradação moral, física e intelectual do “homem livre proletário” que não tem condições à um mínimo de dignidade de ter uma vida com tempo livre.

Fato este que leva o autor a sugerir a luta proletária pela emancipação e para a libertação da grande massa da classe de trabalhadores contra o vício frenético do trabalho e sua, subsequente, exaustão física, mental e intelectual. Contudo, recomenda o autor, inexistente o interesse do Estado em combater essa aberração ideológica da moral perversa do trabalho pelo trabalho. Ao mesmo tempo, tal moral cega e limita o indivíduo trabalhador, perpetuando a contínua ausência deste indivíduo trabalhador no cotidiano das relações sociais em família, visto que não é mais aceitável que “a classe de trabalhadores em nossa sociedade viva trabalhando pelo trabalho e em prol do trabalho [...] sem tempo livre para apreciar a beleza da natureza” (Lafargue, 2016, p.22).

Neste sentido, Paul Lafargue constata que a tentativa de romantizar o trabalho enquanto construção da paixão humana a ser abençoada e capaz de promover o desenvolvimento da economia nacional é, por um lado, uma falsa tentativa de alienação que mascara a verdade da exploração do homem pela lógica do capital e do consumo; e por outro lado, demonstra a prerrogativa do ideal moralista burguês que buscava erradicar a “preguiça do proletário” alemão, impondo à estes cargas horárias desumanas de trabalho - em oficinas, fábricas, minas, comércio - que variavam entre 14 e 12 horas todos os dias da semana:

Para erradicar a preguiça e curvar-se ao orgulho e à independência, o autor do ensaio sobre comércio sugeriu que os pobres fossem trancados em oficinas ideais que deveriam ser “casas de terror, nas quais se deveria trabalhar 14 horas por dia, que restam 12 horas de trabalho após a dedução das refeições. [...] As oficinas modernas tornaram-se penitenciárias ideais, nas quais as massas de trabalhadores estão trancadas e nas quais se condena não apenas os homens, mas também as mulheres e crianças ao trabalho forçado de doze e catorze horas! (Lafargue, 2016, p. 24)

O proletariado - arrebatado pelo dogma do trabalho que fomenta o belo discurso político dos economistas nacionais em prol do considerável aumento da riqueza nacional -, não percebe que o jargão “trabalhe, trabalhe pelo seu bem-estar social” é uma dialética perversa que alimenta e legitima a exploração da lógica do organismo social capitalista através da dissimulada e contraditória compreensão da coerção do direito e a imposição da ação de trabalhar:

Trabalhe, trabalhe, trabalhe proletariado e aumentem a riqueza nacional e, portanto, sua miséria pessoal. Trabalhe, trabalhe e fique mais pobre, produza mais e mais para o burguês, ora trabalhe, trabalhe para nunca poder ter acesso aos bens que você produziu, logo, trabalhe, trabalhe para ser eternamente infeliz. Essa é a lei implacável do produto capitalista. O fato de os trabalhadores acreditarem nas expressões enganosas dos economistas e entregarem seus corpos e suas almas ao vício do laboro, acelerando e fomentando o sustentáculo de todas as linhas de superprodução é o contraditório que alicerça a mecânica da exploração pela exclusão que alimenta e torna eficaz a lógica do organismo social capitalista. Então, devido à abundância de bens e à escassez de compradores, as fábricas são fechadas e, com um flagelo de milhares de faixas, a fome derrama a população trabalhadora. (Lafargue, 2016, p. 29).

Na crítica constata-se a certeza de que, por um lado, o trabalho atenderia apenas à satisfação material das necessidades do liberalismo econômico; e por outro lado, consideram que a classe trabalhadora teria sido envolvida pelas estruturas sociais que findaram por produzir os opressivos modelos de trabalho pela aniquilação da vida social humana pelos distintos processos de industrialização. (Opaschowski, 2017).

Dentro destas perspectivas marxistas e hegelianas responsáveis pela instrumentalização do historicismo social e assunção do esclarecimento materialista, apartaram-se pensadores contemporâneos à Karl Marx e à Friedrich Hegel – tais como, Georg Weerth e Paul Lafargue – que propuseram críticos ensaios sobre o despertar da consciência (hegelianismo) proletária, bem como a necessidade da ação proletária por mudanças na realidade (marxismo) entre as classes, a desalienação da massa trabalhadora e o espraio de sólidas críticas à lógica perversa da exploração do homem pelo capital econômico e as subseqüentes injustas presentes nas estruturas sociais.

No que concerne ao aporte das abordagens teóricas marxistas e hegelianas, destacam-se os trabalhos provindos de pensamentos sociais afiliados à tradição marxista ocidental da Escola de Frankfurt. Desta forma, assevera Horst Opaschowski (2016), a crítica difundida pela dialética esclarecida à racionalidade burguesa da Escola de Frankfurt foi fundamental para se mensurar tanto o caráter universal do direito e sua relação com os trabalhadores explorados, bem como para se ressignificar a legitimidade emergente de se redimensionar, em tempos de globalização das economias de mercado, a vida com tempo livre.

Max Horkheimer e Theodor Adorno (2012), em dialética do esclarecimento, solidificam fortes argumentações com o implemento e espraio da indústria cultural do consumo e com advindos processos de socialização, os quais trarão danosos efeitos nas relações de trabalho na futura vida dos trabalhadores. Neste sentido, considera Adorno, a imposição da estética burguesa nas relações laborais finda por diminuir, consideravelmente, a perda da habilidade de negociação da

individualidade dos trabalhadores com autonomia, logo, desmembram-se nestas desiguais relações de trabalho, o conteúdo social-transcendente que deveria equilibrar o contexto laboral.

Por fim, destaca Theodor Adorno (2005), a autonomia do trabalho, do trabalhador e do lazer provido das relações de trabalho tenderão a serem descaracterizadas em sua essência pela hegemônica atividade da indústria cultural, visto que esta determinará a comercialização dos produtos a serem produzidos e mediará os mecanismos que orientarão as relações consumistas pela indústria, ficando assim, o acesso a tomada de decisões trabalhistas irrestritas ao trabalhador.

Esta tendência futurista, também, presente em Adorno e Horkheimer (2012), demonstra a preocupação com a ampliação das demandas de consumo, a acumulação de capital e a drástica redução dos recursos de vida com tempo livre no seio das forças produtivas das classes trabalhadoras. Sob esta visão, os autores intensificam críticas aos crescentes novos modelos de socialização laboral, os quais atentaram estratégias políticas a fim de alcançarem a regressão de direitos e conquistas sociais fundamentais, provocando assim, mudanças na vida com dignidade dos trabalhadores. Entre estas metas de agressão estaria a redução do tempo livre na vida do trabalhador.

Jürgen Habermas (1995), em um primeiro momento, ao propor a sua teoria da ação comunicativa, assevera que esta se prestaria para o esclarecer como se dá o consenso pela racionalidade da comunicação. Logo, a premissa que alicerçaria o conceito do agir comunicativo estaria imbricada à premissa de que os contextos sociais são viabilizados por imperativos que ao buscarem a unidade da razão, estariam subordinados aos paradoxos da modernidade iluminista.

Em adição, Habermas (2003a) acrescenta que estes paradoxos, em virtude de estarem estruturados na objetividade da razão humana, findariam por contribuir com novas dimensões da vida social, ou seja, reificariam o funcionalismo dos distintos sistemas – independentes e organizados - que interagem em sociedade. Em um segundo momento, Jürgen Habermas (2009) promove uma interlocução entre a sua teoria da ação comunicativa com foco na inclusão do outro, abrangendo assim, novos elementos a sua teoria social da razão. Fato este que contribui para que a sua crítica social passe a perceber outras particularidades, redimensionando os objetivos normativos de sua proposição teórica.

Avultar-se, neste cenário o fato que, ao contrário de Max Horkheimer e Theodor Adorno (2012) - que se preocupavam com a emancipação do proletariado frente as demandas da indústria cultural - , Habermas (2003b) visava compreender, antes de tudo, de que forma crescente demanda poderia fomentar a maturidade das pessoas dentro de um Estado Constitucional Democrático de Direito, uma vez que este deveria garantir o aumento da liberdade e a consolidação da igualdade de chances entre os membros da sociedade, processo este que seria legitimado pelo Direito. Soma-se a isto o fato de que a melhoria na racionalidade do agir comunicativo fomentaria o consenso social do capitalismo (mesmo que tardio) e, respectivamente, consideráveis melhorias nas condições de vida em sociedade, a saber: pela comunicação e não pela imposição. (Habermas, 2003b).

Por fim, no que concerne a estes efeitos, encontra-se em Jürgen Habermas (2003a) a premissa de que o consumo tornar-se-ia um dos problemas que merecer maior aprofundamento nos estudos sobre o futuro, o trabalho e o tempo livre através do lazer para além do trabalho do homem na sociedade contemporânea. A propósito, o autor ressalta que, o tempo de lazer não é um tempo residual para além do tempo de trabalho, ele está muito mais além desta racionalidade laboral, muito embora, o tempo de lazer não deve ser visto como antagônico ao trabalho.

Além disso, acentua-se o fato que, é necessário a promoção da interação entre o trabalho e o lazer, bem como nos distintos processos educativos que levaram ao saudável comportamento para o lazer que deverá ser ensinado e aprendido, como estratégia de orientação política pública e privada.

5. Achados Sobre a Vida com Tempo Livre na Sociedade Contemporânea e o Perigo de Sua Despolitização

Do ponto de vista dos pensadores da secção anterior foi possível observar peculiaridades - filosóficas, jurídico-econômicas e sociológicas - sobre o conhecimento humano promovidas por de Karl Marx, Friedrich Engels, Georg Weerth, Paul Lafargue Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas que foram determinantes na formação do pensamento social da segunda metade do século XIX e por todo o século XX.

Nesse modelo de postulações interdisciplinares sobre o futuro do trabalho e das condições de empregabilidade cada vez mais restritas, deve-se observar a importância que os impactos e demandas do mercado profissional poderão desencadear nas políticas públicas de lazer ou de educação para o lazer (Libaneo, 2011). Fato a ser destacado é que a vida com tempo livre se tornou objetivo analítico, também, dos tratados internacionais em relação ao trabalho, bem como nos ordenamentos domésticos em relação ao trabalho. Como referenda, a este respeito, o artigo 24 da Declaração dos Direitos Humanos da ONU de 1948, ao asseverar que todos os indivíduos têm direito ao descanso e ao lazer:

Artigo 24º: Toda pessoa tem direito ao repouso e lazer. O artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) diz que toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas. (Onu, Dudh, 1948, Online).

Assim, com a virada do século, os limites nas relações entre o tempo e o trabalho se estreitaram mais ainda, tornando esta relação cada vez mais fluída, recheada por nuances de pressões sociais que estendem o campo de tensão nas sociedades ocidentais. A este respeito, Zygmunt Bauman e Thomas Leoncini (2018) apontam os possíveis problemas que se escondem por detrás da passagem da civilidade (espiritual) à civilização (material) da cultura euro-ocidental depois do século XIX, situações estas que envolvem em maior ou em menor escala a representatividade e a visibilidade de questões relativas ao “trabalho” e ao “lazer” nas economias globais das sociedades do futuro.

Horst Opaschowski (1995) distancia-se das anteriores abordagens – “pedagogia recreativa” (*Erlebnispädagogik*) e “pedagogia do lazer” (*Freizeitpädagogik*) - ao propor a discussão sobre a “pedagogia do tempo livre” (*Pädagogik der freien Lebenszeit*) e ao desenvolvimento desta ciência sob o foco da interdisciplinaridade, como destaca o cientista educacional Reinhold Popp:

O amadurecimento da pedagogia do tempo livre se deu de forma natural, muitos são os indicativos desta avaliação, seja através de indicativos da discussão especializada dos últimos quinze anos, que passou a constatar a metamorfose entre a educação recreativa, desde a pioneira abordagem de Fritz Klatt (1999) à contemporânea teorização de Wolfgang Nahrstedt (2002), desaguando na proposta da ciência educativa do lazer de Franz Pöggler (2003) até o novo posicionamento da ciência educacional do tempo livre como disciplina transversal que está na agenda do futuro de Horst Opaschowski (1995). (Popp, 2005, p. 41).

À tona desta perspectiva Horst Opaschowski (1995), Thomas Dietrich (1998) e Reinhold Popp (2005) caracterizam que as ciências do conhecimento humano deve se dedicar a traçarem projeções para o futuro e, em específico, a ciência da educação - conseqüentemente, a pedagogia da vida com tempo livre -, devem voltar suas investigações para as alterações nas estruturas das economias globalizadas (unificadas) e suas repercussões nas relações de trabalho, a saber: tempo de trabalho, formas de trabalho, melhoria nas condições de trabalho, tempo de contribuição social, garantias do tempo de lazer diante do trabalho e saúde mental e física do trabalhador como um aspecto fundamental para melhoria da vida trabalhadores.

Dessa forma, Horst Opaschowski (2016) irá alertar para os perigos que as constantes metamorfoses e transformações nas relações de empregabilidade na sociedade globalizada contemporânea poderão causar na vida dos indivíduos, nas mais distintas situações que constituem o cotidiano da vida em sociedade (seja no quantitativo das horas trabalhadas, seja no

qualitativo do tempo com qualidade de vida). Em contraposição a este processo, o pensamento pedagógico da vida com tempo livre seria uma alternativa ao desenvolvimento de políticas públicas de educação em saúde, visando a melhoria da personalidade individual e autorrealização profissional das subjetividades humanas.

Portanto, recomenda Horst Opaschowiski (1995), a pedagogia da vida com tempo livre deve ser pensada como uma disciplina científica importante para a sociedade contemporânea, cujo conhecimento vem se adaptando as transformações, metas e riscos do mercado e de suas economias de competitividade globalizadas. Assim, percebe-se o aumento da necessidade de se incrementar estratégias e mecanismos úteis para a promoção da saúde física e mental dos trabalhadores no hodierno cenário político.

Questiona-se, a este respeito, se o aumento da importância da pedagogia do tempo livre não acontecesse por acaso, mas correspondesse a uma necessidade social urgente de se compreender esta disciplina, não mais como processos de recreação (brincadeira, diversão e sociabilidade) entre os pares? E por conseguinte, indaga-se sobre a existência de uma necessária conexão pedagógica com foco na “vida com tempo livre” que tornasse estimulante, agradável e produtiva a vida dos colaboradores do corpo profissional das empresas, instituições e organizações?

A aquisição de conhecimento, a melhoria do desempenho profissional, o aumento de metas e objetivos profissionais – empresariais, comerciais e individuais – acontecerá de forma muito mais ativa, se ocorrer a promoção e valorização da saúde mental e física dos trabalhadores.

Assim, o conceito da pedagogia da vida com tempo livre se coloca como ferramenta de promoção do engajamento social – individual e coletivo - em prol do desenvolvimento cultural e do autodesenvolvimento dos trabalhadores nas mais distintas esferas das sociedades, a partir da revalorização de estratégias que revalorizem a lógica da ação da pedagogia do tempo livre:

A prática pedagógica do lazer se desenvolve tanto nas instituições clássicas de pedagogia aplicada quanto na forma de ação pedagógica em campos específicos de ação da ciência do lazer aplicada. Como resultado, as profissões educacionais de lazer trabalham em uma ampla variedade de formas: a) educação em turismo e viagens; b) educação esportiva recreativa e animação de exercícios; c) educação no lazer escolar e supervisão do lazer; d) trabalho cultural e educacional fora da escola ou para além da empresa; e) trabalho social cultural de lazer e trabalho comunitário sociocultural, bem como f) educação em spa, aconselhamento psicopedagógico educacional, supervisões em saúde ocupacional e até mesmo animação em centros de saúde. (Opaschowiski, 2006, p. 16).

Neste contexto, acrescenta-se que a teoria da pedagogia da vida com tempo livre teve sucesso ao promover, desde as últimas décadas do século XX à atualidade do século XXI, distintos resultados de pesquisas empíricas, as quais comprovam o eloquente e satisfatório diálogo entre a ciência do tempo livre com a ciência da educação, bem como com outras ciências. Acrescenta-se assim, que a pedagogia da vida com tempo livre é uma ciência, essencialmente, interdisciplinar, ao trazer em si importantes e consideráveis conhecimentos teóricos e práticos de outras ciências do conhecimento humano, visto que a “ciência do lazer e a ciência educacional são ciências “irmãs” e não ciências “hostis” entre si” (Nahrstedt, 1990, p. 196).

6. Considerações Finais

Deveras importante é a percepção de que as práticas pedagógicas da vida com tempo livre para o lazer não poderão apresentar consideráveis resultados na saúde física e mental dos trabalhadores se não foram promovidas urgentes e emergentes mudanças no cenário profissional através de políticas públicas de educação e conscientização sobre “trabalho” e “tempo livre para o lazer”. Como resultado, salientam-se que estas transformações poderiam ocorrer com a adesão de políticas educativas e normativas jurídicas – constitucionais e trabalhistas – que promovam novas regulamentações nas relações de trabalho.

Desta forma, indaga-se se estas transformações nas relações de trabalho caracterizam o intenso retrocesso para a classe trabalhadora, quando pensamos na recente reforma trabalhista? E por conseguinte, no trabalho intermitente e suas precárias formas de vínculo empregatício? Por certo, questiona-se aqui se a abordagem da pedagogia da vida com tempo livre conseguiria facilitar a compreensão da política trabalhista e previdenciária brasileira em contextos sociais de informalidade, desemprego e subemprego?

Outro ponto a se considerar é a importância da didática e do ensino em relação a forma e aos instrumentos que poderiam auxiliar na melhoria do trato entre o tempo de trabalho e a vida com tempo livre, mudanças necessárias e esperadas nos juízos de valores determinados tanto pela gestão privada, quanto pela administração pública. A complexidade da empregabilidade e do medo da empregabilidade findam afetando a vida de colaboradores, gestores e familiares, ferindo assim, a vida com dignidade e os correspondentes princípios da sociabilidade e humanidade através do adoecimento pelo trabalho. (Giesecke, 2016).

Dentro desta perspectiva, destaca Horst Opaschowski (2006) que a abordagem teórica da educação para o tempo livre ou a pedagogia do tempo livre experimenta significativa adesão de distintas áreas científicas tanto nas ciências sociais aplicadas (direito, administração de empresas/ marketing), economia, turismo, gestão empresarial e gestão em direitos humanos), quanto nas ciências sociais e humanas (psicologia, sociologia e história), bem como nas ciências da saúde (educação física, terapia ocupacional, fisioterapia e medicina) na Alemanha, Áustria e Suíça.

Frisa-se a importância que seu deu com a implementação e incrementação da indústria do turismo, indústria do (des)emprego, indústria do esporte e a da reabilitação. Ao final dessas reflexões, resta-nos o desafio, enquanto sujeitos biológicos, psíquicos, sociais e espirituais, detentores que somos de desejos, crenças e necessidades, de repensarmos a vida com tempo livre a partir da ressignificação dos termos ócio, lazer, e recreação e da desconstrução da ideologia capitalista de que “tempo é dinheiro”. Dessa forma, perderíamos o status de simples objetos laborais e priorizaríamos a saúde mental e física melhorando a qualidade de vida dos que laboram e daqueles que com eles convivem.

Aproveitamos esse espaço para sugerir que nos currículos dos cursos de graduação, haja a introdução de uma disciplina de Pedagogia da Recreação ou outra de conceitos similares, com o intuito de conscientizar as novas gerações a lidar de uma forma mais saudável com as relações de trabalho, considerando a promoção de saúde integral e o equilíbrio entre o ser que se regozija no trabalho e que tem direito ao lazer para recompor-se de maneira adequada antes do início de uma nova jornada.

Referências

- Adorno, T. W. & Horkheimer, Max (2012). *Stichworte Kritische Modelle II*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Adorno, T. W. (2005). *Minima Moralia: reflections on a damaged life*. London: New Left Books/ VersoBooks.
- Bauman, Z. & Leoncini, T. (2018). *Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bleuels, H.-P. (2002). *Das saubere Reich: Theorie und Praxis des sittlichen Lebens im Dritten Reich*. München. Bern: Scherz Verlag.
- Boksberger, P. & Schickert, M. (2012). *Innovationen in Tourismus und Freizeit. Hypes, Trends und Entwicklung*. Schriften zu Freizeit und Tourismus - Band 8. Berlin: ESV Verlag.
- Burke, P. (1992). *A Escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Campbell, J. (2014). *Join in Work, German Work. The National Debate, 1800-1945*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Carius, F. & Gerning, B. (2014). *Was ist Freizeitwissenschaft? Konzeption, Entwicklungsstand, weltweiter Vergleich*. Aktualisierte Neuauflage. Aachen: Shakerverlag.
- Creswell, J. W. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Dartsch, M. (2001). *Erzieherinnen in Beruf und Freizeit. Eine Regionalstudie zur situation von Fachkräften in Tageseinrichtungen für Kinder*. Wiesbaden: Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH.

- Dietrich, T. (1998). *Zeitfragen und Grundfragen der Pädagogik*. 8. Auflage. Bad Heilbrunn: Klinkhardt Verlag.
- Dudek, P. Pädagogik im Nationalsozialismus, p. 93-110. In: Harney, K. & Krüger, H.-H. (1999). *Einführung in die Geschichte von Erziehungswissenschaft und Erziehungswirklichkeit*. 2. durchgesehene Auflage. Opladen: Leske + Budrich.
- Durkeim, E. (2016). *Educação e Sociologia*. Tradução Gilles Jean Abes. 1ªed. São Paulo: Edipro Editora.
- Freericks, R.; Hartmann, R. & Stecker, B. (2010). *Freizeitwissenschaft - Handbuch für Pädagogik, Manement und nachhaltige Entwicklung*, München: Oldenbourg Verlag.
- Freericks, R. & Brinkmann, D. (2015). *Die Stadt als Kultur- und Erlebnisraum: Analysen, Perspektiven und Projekt*. 3. Bremer Freizeitkongress an der Hochschulen Bremen. Bremen: Institut für Freizeitwissenschaft und Kulturarbeit e. V.
- Fricke-Finkelburg, R. (1989). *Nationalsozialismus und Schule. Amtliche Erlasse und Richtlinien 1933-1945*, Opladen: Leske+Budrich Georg.
- Giesecke, H. (2003). *Hitlers Pädagogen. Theorie und Praxis nationalsozialistischer Erziehung*. Weinheim/ München: Juventa Verlag.
- Giesecke, H. (2007). *Kritik pädagogischer Freizeittheorien*. Pädagogik des Jugendreisens, München.
- Giesecke, H. (2016). *Pädagogik als Beruf. Grundformen pädagogischen Handelns*. 7. Auflage. Weinheim und München: Juventa Verlag.
- Giesecke, H. (2018). *Einführung in die Pädagogik*. 6. Auflage. Weinheim und München: Juventa Verlag.
- Habermas, J. (2009). *Die Einbeziehung des Anderen – Studien zur politischen Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Habermas, J. (1995). *Theorie des kommunikativen Handelns. Bd. 1 – Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp taschenbuch wissenschaft verlag.
- Habermas, J. (2003a). *Arbeit. Freizeit und Konsum*. Frühe Aufsätze. Gießen: ProLitVerlag, S. 63-80.
- Habermas, J. (2003b). *Legitimationsprobleme im Spätkapitalismus*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Harney, K. & Krüger, H.-H. (1999). *Einführung in die Geschichte von Erziehungswissenschaft und Erziehungswirklichkeit*. 2. durchgesehene Auflage. Opladen: Leske + Budrich.
- Hartmann, R. (2016). *Die Stadt als Freizeit- und Erlebnisraum*, S. 193-202. In: Reube, P. & Schnell, P. (Hrsg.). *Postmoderne Freizeitstile und Freizeiträumen*. Schriften zu Freizeit und Tourismus – Band 12. Berlin: ESV Verlag.
- Hohendorff, J. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: Koller, Sílvia et al. (Orgs.). *Manual de Produção Científica*. Porto Alegre: Penso.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2012). *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*. München: Fischer Verlag.
- Klatt, F. (1999). *Freizeitgestaltung, Grundsätze und Erfahrungen zur Erziehung des berufsgebundenen Menschen*. Stuttgart: Silberburg Verlag.
- Krieck, E. (1992). *Philosophie der Erziehung*. Jena: Osterwieck am Harz Verlag.
- Krüger, H.-H. & Marotzki, W. (1999). *Handbucharziehungswissenschaftliche Biographieforschung*. Opladen: Leske + Budrich.
- Lafargue, P. (2016). *Das Recht auf Faulheit*. Widerlegung des “Rechts auf Arbeit” von 1848. Vollständige Neuausgabe. Herausgegeben von Karl-Maria Guth. Berlin: Hofenberg Verlag.
- Libâneo, J. C. (2012a). O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, mar.
- Libâneo, J. C. (2012b). O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, Mar. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000100002&lng=en&nrm=iso.
- Libâneo, J. C. (2011). *O declínio da escola pública brasileira: apontamentos para um estudo crítico*. In: Lombardi, José C. & SAVIANI, D. (Orgs.). *História, educação e transformação: tendências e perspectivas para a educação pública no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Markowetz, R. (2006) *Freizeit und Behinderung – Inklusion durch Freizeitassistenz*. Deutsches Institut für Internationale Pädagogische Forschung (DIPF). Spektrum Freizeit, Frankfurt am Main, 30, 2, S. 54-72.
- Marx, K. H. & Engels, F. (1999). *O Manifesto Comunista*. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook: EBooksBRasil.com. Fonte Digital: RocketEdition de 1999.
- Melo, M. A. S. (2005). *Imigrantes de língua alemã no Rio Grande do Sul. Integração, idioma e identidade cultural no campo de tensão entre a política e a educação escolar*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Hamburg, Alemanha.
- Mühlfeld, C. & Schönweiss, F. (1989). *Nationalsozialistische Familienpolitik: Familiensoziologie Analyse der nationalsozialistischen Familienpolitik*. Stuttgart: Enke Verlag.
- Müller, H.-P. & Wegener, B. (1995). *Soziale Ungleichheit und soziale Gerechtigkeit*. Reihe “Sozialstrukturanalyse” Herausgegeben von Stefan Hradil. Band 4. Opladen: Leske + Budrich.
- Nahrstedt, W. (2002). *Der Freizeitpädagoge. Neue Aufgabe für Sozialarbeiter, Erwachsenenbildner und Sportpädagoge*. Opladen.

- Opaschowski, H.-W. (2017). *Konsum in der Freizeit. Zwischen Freisein und Anpassung*. Band 9 [B.A.T. Schriftenreihe zur Freizeitforschung], Hamburg.
- Opaschowski, H.-W. (2016). *Deutschland 2030. Wie wir in Zukunft leben*. Aktualisierte Neuauflage. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, EBooks.
- Opaschowski, H.-W. (2008). *Enführung in die Freizeitwissenschaft*. 5. Auflage. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaft.
- Opaschowski, H.-W. (2006). *Pädagogik der freien Lebenszeit*. 3. Völlig neu bearbeitete Auflage. Opladen: Leske + Budrich.
- Opaschowski, H.-W. (2000). *Pädagogik und Didaktik der Freizeit*. 4. Auflage, Opladen: Leske + Budrich.
- Opaschowski, H.-W. (1995). *Pädagogik der Freizeit*, Bad Heilbrunn.
- Pöggler, F. (2003). *Freizeitpädagogik. Ein Entwurf*. Sonderdruck aus Jahrbuch der Caritaswissenschaft, Freiburg: E. BrVerlag.
- Popp, R. (2005). *Qualifizierung für Freizeitpädagogik und soziokulturelle Animation*. Salzburg-Wien: Institut für Freizeitpädagogik.
- Quack, H.-D. & Klemm, K. (2018). *Kulturtourismus Zu Beginn Des 21. Jahrhunderts*. Festschrift für Albrecht Steinecke. München: Oldenbourg Verlag.
- Schlieckau, J. (2017). *Kompedium der Freizeit- und Erlebnispädagogik in der Postakutbehandlung*. Hamburg: Disserta Verlag.
- Schulze, G. (2020). *Die Erlebnisgesellschaft: Kulturosoziologie der Gegenwart*. Frankfurt am Main: Campus (Studienausgaben).
- Schwanz, D. (2012). *Bildung - alles, was man wissen muss*. München: Der Goldmann Verlag.
- Stecker, B. (2010). Ökologie und Nachhaltigkeit in der Freizeit, S. 240-352. In: Freericks, R.; Hartmann, R. & Stecker, B. (Hrsg.). *Freizeitwissenschaft. Handbuch für Pädagogik, Management und nachhaltige Entwicklung*, München: Oldenbourg Verlag.
- Steinle, A. (2013). *Trend, Arbeit, Freizeit, Eigenzeit. Denkanstöße für Wirtschaft, Medien und Gesellschaft*. München: Piperverlag.
- Stf-HH (2016). Stiftung für Zukunftsfragen. Freizeit-Monitor 2016. Hamburg: Online. <http://www.freizeitmonitor.de/ne/download/freizeitmonitor-2016/>
- Tokarski, W. & Schmitz-Scherzer, R. (1995). *Freizeit*. Stuttgart: Teubner Verlag.
- Weegen, M. (1984). *Sozialrevolutionäre Bildungsanspruch und schulische Realisation. Ein Beitrag zur Erforschung des höheren Jugendschulwesens im Nationalsozialismus unter besonderer Berücksichtigung bildungsstruktureller, curricularer und sozialpolitischer Aspekte*. Essen: Juventa.
- Weerth, G. (1995). *Arbeits*, p. 44. In: GOETTE Jürgen-W. von (Hrsg.). *Vergessene Texte. Werkauswahl*, Band I. Nach den Handschriften. Köln: Informationspresse - C.W. Leske. Disponível em: https://www2.klett.de/sixcms/media.php/229/350470_0237_Weerth_Arbeits.pdf. Acesso em: 23 de maio 2020.
- Vergara, S. C. (2000). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas.